

IMAGINAÇÃO NA LITERATURA: A EXISTÊNCIA DO LEITOR PERSONAGEM

Daliane do Nascimento dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Alessandra Cardozo de Freitas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Literatura é isso, um texto com face oculta, fundo falso, passagens secretas, um texto com tesouro escondido que cada leitor encontra em lugar diferente e que para cada leitor é outro.

Marina Colasanti

Já pensou viver uma vida que não é sua? Ser quem gostaria? Poder estar em lugares jamais imaginados? Fazer maldades e viver aventuras? Ser aquele personagem que você sempre admirou? A literatura é, como diz Marina Colasanti, esse espaço cheio de passagens secretas que permitem ao leitor não só lê, mas ir além, viver, experimentar, sentir, imaginar.

A imaginação está presente no texto literário, desde a sua produção a sua recepção. Esse trabalho com a imaginação ganha sentidos imagináveis e inimagináveis no encontro do leitor com a trama de texto. Como se fosse um jogo, o leitor projeta-se no texto e, na condição de coprodutor, pode assumir diferentes funções. Ser autor ou mesmo personagem do bosque da ficção. Na função de possível personagem, o leitor imagina, fantasia, interagi, narra, ou apenas observa a história. É o leitor que através da imaginação, dá vida e vive, na ficção, situações que jamais imaginaria viver em seu cotidiano.

Nessa brincadeira, jogo de imaginação, fantasia que vira criação, a história ganha vida de um jeito que o leitor, não é somente mais um leitor, mas o leitor personagem ativo que se emociona, se questiona, aprende. Que ganha experiência de vida. Mas o que provoca imaginação? O que faz o leitor viver experiências e se vê em lugares e situações ao ler uma história?

Pensando nisso, objetivamos refletir sobre o caráter significativo que o texto literário possui, como alternativa que estimula a imaginação do leitor, a partir das respostas de leitores postadas em blogs de leitura a partir da “TAG: cinco livros que você gostaria de viver”,

analisadas a partir das teorizações de Bettelhen (2002), Coelho (2000), Held (1980), Amarilha (2006), na área de leitura e literatura e Stierle (1979) Jouve (2002) na estética da recepção.

QUEM IMAGINA, VIVE, EXPERIMENTA, SENTE.

Há duas maneiras de percorrer um bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos (a fim de sair do bosque o mais depressa possível, digamos, ou de chegar à casa da avó, do Pequeno Polegar ou de Joãozinho e Maria); a segunda é andar para ver como é o bosque e descobrir por que algumas trilhas são acessíveis e outras não (ECO,1994, p.33).

Quando percorremos os bosques da ficção, experimentando vários caminhos, encontramos a imaginação, que nos permite imaginar, viver e sentir emoções e sentimentos tornando o que é lido em uma experiência do vivido, tornando real o que se sente na ficção.

Essa atividade de imaginar como experiência individual está presente também na vida do indivíduo, como na cultura, artes, técnica e ciência. A todo momento, realizamos atividades que envolvem a imaginação, pois, por ser de natureza antecipatória, possibilita ir além do apreendido diretamente (VIGOTSKI, 2014).

A psicologia chama de imaginação ou fantasia essa atividade criadora do cérebro humano baseada nas capacidades combinatórias, atribuindo a elas um sentido diferente daquele que lhe é atribuído cientificamente. Na sua concepção comum, a imaginação ou fantasia designam aquilo que é irreal, o que não corresponde à realidade e, portanto, sem nenhum valor prático. No entanto, a imaginação como fundamento de toda a atividade criadora manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e tecnológica (VIGOTSKI, 2014, p.4).

Pensando a imaginação como atividade criadora, esta por sua vez, tem como base aspectos que influenciam e provocam a sua existência. A imaginação está ligada a realidade em que o leitor vive, em função do ato imaginativo se compor de elementos da realidade, isto é, toda atividade de imaginação recorre a um elemento da realidade, para assim criar algo novo a partir do já existente, como também, a experiência humana. De acordo com os estudos de Vigotski (2014), quanto mais rica a experiência humana tivermos, mais material disponível

para a imaginação termos. Além disso, há uma conjunção emocional entre realidade e imaginação, no qual o sentimento e a emoção se revelam.

Quando fantasiamos sabemos que a situação vivida na imaginação não é real, mas as emoções provocadas através do exercício de imaginação como alegria, medo e tristeza, são reais e vividas de forma verdadeira. Essa experiência pode ser sentida no momento que entramos em contato com o texto literário e aceitamos as regras do jogo da narrativa ficcional. Sabemos a todo momento que os acontecimentos que ocorrem na narrativa não são reais, mas o envolvimento emocional causado pela trama fictícia, provoca a identificação do leitor com o texto, permitindo-o sentir emoções e sentimentos, tornando a experiência fictícia em uma experiência do real.

A literatura, “é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (COELHO, 2000, p.27). E por ser arte, possibilita ao leitor expressar suas emoções, cultura e história. A linguagem do texto literário trás experiência humana, de forma criativa e imaginária envolvendo elementos tanto da vida real como fantasiosa em uma dinâmica do possível e impossível (COELHO, 2000), nos permitindo transitar por vários caminhos que a ficção e a imaginação oferecem, experimentando e construindo sentidos.

Seu ato de ficcionalizar elementos da realidade e da vida social do leitor, permite entrar em contato com outras maneiras de ver e se posicionar, pois “projeta seu conhecimento de mundo e sua capacidade de recombina-lo, mental e imaginativamente” (AMARILHA, 2006, p.75), possibilitando uma experiência estética que acaba alterando a percepção de mundo do leitor levando-o a construção de novos significados.

Essa experiência de leitura estimula a fantasia e imaginação do leitor, permitindo-o se identificar com as situações vividas pelos personagens e a satisfazer seus desejos mais do que conscientes, mas sim inconscientes que amenizam provocando satisfação. Nessa dinâmica, “os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam a sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção” (PETIT,2010,p.26), que não permite uma leitura controlada, mas sim interpretativa e imagética, em que o leitor vive e experiência diversas situações, tornando-se um leitor personagem, que se faz presente na história.

A literatura ao alimentar a imaginação e estimular a fantasia (BETTELHEN, 2002), oferece ao leitor o “fantástico”, isto é, “o irreal no sentido estético daquilo que é apenas imaginável; o que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação, pela fantasia de um espírito” (HELD,1980, p.25) e que o leitor ao

aceitar a proposta de jogo, um jogo de faz de conta, se permiti através da imaginação, viver, sentir, experimentar e realizar desejos até mesmo inconscientes.

QUANDO ESTÁ ESCRITO IMAGINO, QUANDO NÃO ESTÁ, IMAGINO TAMBÉM!

“Quem nunca desejou fazer parte de uma história? Eu sempre penso nisso quando leio um livro; existem os livros nos quais o sentimento é tão forte que me dá medo de imaginar viver naquele mundo ou naquela situação mas existem os livros que eu gostaria de viver, seja porque eu queria ser a personagem e fazer diferente ou ser amiga de todo mundo e viver a história junto dos personagens; ou, as vezes, eu só queria viver naquele mundo, naquele livro.” (Luna)

Luna, ao demonstrar seus desejos, e a vontade de viver no mundo oferecido pela ficção nos mostra uma literatura que estimula a imaginação, nos faz construir imagens mentais, nos projetar na narrativa. Ser leitor/personagem, viver uma vida que não é nossa, mas que, ao mesmo tempo, é na ficção.

Percebemos que a imaginação mobiliza o leitor, a criar, fantasiar, ir além das possibilidades da vida real, que nos compensa, agrada e nos forma. Traduzindo-se como uma experiência de vida que conforta e que trás com sigio alívio e prazer. Promove sensações jamais copiadas ou reproduzidas, mas particulares de cada leitor leitura e releitura. Construimos de forma imaginária um espaço só nosso onde tudo é possível, “um espaço interior, um país próprio, inclusive em contextos onde parece não nos ter sobrado nenhum espaço pessoal” (PETIT, 2008, 39).

Tendo em vista a natureza comunicativa e plurissignificativa do texto literário que contribui para o incentivo a leitura, prazer estético e construção de sentidos, entendemos que o texto literário estimula a imaginação ao ponto de convencer leitores a fazerem parte da história e se sentirem personagens. Nessa perspectiva, encontramos respostas de leitores em blogs de leitura sobre a “TAG: Cinco livros que você gostaria de viver”, que demonstram essa relação entre leitor e texto, como também, o exercício da imaginação, no momento que fantasiam fazer parte das narrativas fictícias.

A partir das análises construimos quatro categorias de leitor/personagem: o leitor emotivo, que sente sensações e sentimentos, o leitor participante da ação narrada, que deseja e

interagi, o leitor fã, que admira o personagem e quer conhecê-lo e o leitor juiz, que avalia e julga.

- *Leitor Emotivo: que sente sensações e sentimentos.*

“Cores de Outono foi um livro que despertou em mim, inúmeras emoções! **Emoções simples, como um sorriso bobo e verdadeiro, aquela sensação de estar em casa, sentir o cheiro de terra molhada e sentir como se estivesse no campo!** Essas sensações são válidas demais durante a leitura e **eu adoraria viver com essas sensações me rodeando**, sem falar, que adoraria ver um tombo da Melissa, brincar com a fofa da Alice e visitar o paraíso que é a casa de Vincent e família! rs.” (Rafael)
Livro: Cores de Outono

“Por todos os motivos de Orgulho e Preconceito, mais bônus de muita sedução e cenas hot e muito mistério e aventura. **Quando comecei a ler série nunca imaginei que as personagens seriam tão audaciosas, e isso me faria muito feliz:** ser bela e classuda mas também desvendar mistérios e criar confusões.” (Luiza)
Livro: Os Bridgertons (O Duque e Eu, O Visconde que me Amava, Um Perfeito Cavaleiro), de Julia Quinn.

“Descobri esse livro meio que por acaso e fui devorando o livro. **Me amarro num suspense, e gostaria de sentir o que se passou lá. Sentir o medo que teve na história** ~~se eu estivesse eu ia me arrepende #fail~~—O filme é horrível comparado ao livro.” (Marcos)
Livro: A Garota da Capa Vermelha

Os registros demonstraram o envolvimento emocional do leitor com o personagem e sua situação vivida, no momento em que demonstram sentir os mesmos sentimentos que os personagens. Esse envolvimento se dá em função do texto literário suscitar no leitor emoções, as quais são consideradas a base principal do processo de identificação, aspecto esse essencial na leitura de ficção (JOUVE, 2002).

A partir da experiência estética proporcionada pelo texto, o leitor pode sentir admiração, tristeza, medo e alegria. Vimos essas demonstrações de sentimentos nos relatos de Luiza que se senti feliz ao conhecer as ações dos personagens e Marcos que gostaria de estar na história e sentir o medo que a personagem sentia diante dos perigos.

Vimos a todo momento nos registros que o leitor passa por um processo de catarse “que é o envolvimento emocional e intelectual pelo qual se concretiza a identificação do leitor com a trama ficcional” (AMARILHA,2006, p.75), como acontece com Rafael, ao mencionar que senti a “sensação de estar em casa, sentir o cheiro de terra molhada e sentir como se estivesse no campo”. Tal envolvimento permite ao leitor fazer parte da narrativa e atuar como

leitor personagem ao sentir as mesmas sensações presentes na história, pois ele participa da ficção e da ilusão por ela causada, proporcionando assim a experiência de viver na ficção o que é contrário ao seu cotidiano (STIERLE, 1979).

- Leitor participante da ação narrada: que deseja e interagi.

“Eu sou fã de vampiros e demais sobrenaturais! Essa saga foi uma das primeiras sobre vampiros que li e eu gostei demais! Achei muito bem interessante a ideia de vampiros, lobisomens e os "Vulturi". Sem falar que a Stephenie é bastante talentosa! Podem julgar mas eu amo Crepúsculo! **E adoraria lutar em Amanhecer, para proteger Renesmee.**” (Rafael)

Livro: A Saga Crepúsculo

“Por ser a melhor série de fantasia já criada, por ser o mundo mais incrível com os povos mais lindos e os personagens mais honrados de toda a literatura. **Eu mataria muitos orcs e me apaixonaria por um Ranger (com certeza não inspirado no Aragorn -sqn) ou poderia ser uma Hobbit de pés peludos e gordinha. Ou até mesmo uma humana de Gondor ou Rohan e ainda seria a coisa mais legal.**” (Luiza)

Livro: O Senhor dos Anéis (A Sociedade do Anel, As Duas Torres, O Retorno do Rei), de J.R.R. Tolkien

“Ahh mas eu queria muuuuito viver nesse livro!

E eu não queria fazer o papel da Courtney Love, não. Nada de relacionamento amoroso. O que eu queria mesmo era ser uma espécie de assistente do Kurt Cobain. E bem quando ele estivesse prestes a disparar aquele revólver, eu chegaria e diria: “- **Meu filho, o que você ta fazendo? Levanta daí! Você não vai se matar, não! Ta pensando o quê? Voce tem show. Anda, anda que a gente ta atrasado!**” E aí o Kurt levantaria (um pouco assustado, claro) e faria aquele e muitos outros shows e todos seríamos felizes para sempre, principalmente nós, fãs dessa lenda!” (Taty)

Livro: Mais Pesado Que o Céu de Charles R. Cross

“Primeiro, eu adoro a casa do Arthur! **Eu queria me aventurar por cada cômodo, ver cada detalhe, ler cada frase; acho a casa dele sensacional!** => **E depois, eu ia amar estar presente na festa no Palácio de Buckingham, com todos aqueles seres mágicos e rituais especiais.**”

(Luna)

Livro: A Fada

Encontramos nesses registros, um leitor que deseja ser participante do narrado. Não é suficiente apenas se projetar na trama e sentir as sensações que o texto permite, o leitor sente a necessidade de interagir com os personagens. Percebemos que o processo de identificação alcança um nível em que o leitor é levado a pensar sobre os acontecimentos ocorridos na ficção e a agir sobre eles, pois através do envolvimento afetivo causado, é mobilizado a interagir na ficção e modificá-la a sua maneira como podemos ver nos relatos dos leitores, ao mencionarem suas ações, como lutar, matar, se apaixonar e mais ainda quando interagem

falando com os próprios personagens como faz Luiza, que chama a atenção do personagem lhe exigindo uma atitude ao mencionar: “– *Meu filho, o que você tá fazendo? Levanta daí! Você não vai se matar, não! Tá pensando o quê? Você tem show. Anda, anda que a gente tá atrasado!*”.

Essa necessidade de atuar no mundo fictício surge no momento que o leitor aceita a proposta de jogo, um jogo de faz de conta, que dá possibilidades ao leitor de viver e atuar de forma simbólica e imaginária. Essa atuação ocorre em primeiro lugar porque o texto trás elementos do mundo real para ficção, tornando o ambiente fictício familiar, contribuindo para o seu envolvimento e identificação, como também, por adicionar em sua narrativa a presença de elementos extraordinários, fazendo a passagem para o fantástico (HELD, 1980). “ Tudo isso é substância, que somada às criações do imaginário, fará com que leiamos o texto ficcional e, assim, ocupemos o nosso espaço de leitor” (AMARILHA, 2006, p.75).

Vimos que em todo o momento os leitores ganham um espaço na ficção atuando e construindo sentidos transferindo de um mundo para o outro percepções, informações e emoções (AMARILHA, 2006), tornando a experiência fictícia em experiência de vida em aprendizado.

- *Leitor Fã: que admira o personagem e quer conhecê-lo.*

“Eu queria ser a Lou. Me identifico com ela e com o modo como ela vive. E eu não perderia a oportunidade de conhecer Will, mesmo ele sendo esse homem um pouco ranzinza, justamente porque da pra entender os motivos que o deixaram assim. Mesmo não sendo um grande otimista, ele me ensinou muitas coisas positivas a respeito da vida através deste livro. E eu queria viver pertinho dele pelo menos pra pegar um autógrafo.” (Taty)

Livro: Como eu era antes de você de Moyes Jojo

“Esse é um dos meus livros favoritos então é óbvio que estaria aqui. Eu adoraria conhecer o Charlie, Sam e o Patrick, eles são incríveis. E seria interessante participar da peça baseada em The Rocky Horror Picture Show. Essa maravilha criada pelo Stephen Chbosky é uma das obras mais interessantes de se ler hoje em dia, resumindo, eu amo esse livro.” (Nil)

Livro: As vantagens de ser invisível

“Gente, esse livro se tornou um dos meus favoritos. Eu li ele nos últimos dias de aula e fiquei em depressão pelo final. Claro, o início do livro meio que faz parecer que será chato mas não! Ele fica muito f*, melhora muito e a história é incrível. John Green mandou super bem e esse livro entrou no meu top 10 de favoritos, e deve empatar com As Vantagens de Ser Invisível. Mas o motivo de citar ele aqui, é porque eu adoraria conhecer o Gordo e**

o Coronel e ver como é a Alasca. A personagem é tão interessante, adoraria ser amigo dela.” (Nil)

Livro: Quem é você Alasca?

“Este mês, finalmente eu comecei a ler o primeiro livro da série Percy Jackson e estou adorando. Claro, dei uma parada mas é simplesmente incrível a mitologia da história! **Acho que eu gostaria de ser um semideus e conhecer a Annabeth, já que ela é a minha personagem favorita. O Groover é uma comédia então seria interessante conhecer ele, e o Percy é filho de Poseidon então, seria legal encontra - lo.**” (Nil)

Livro: A Saga Percy Jackson

Temos aqui a presença de leitores que são fãs dos personagens. Eles não gostariam de está na narrativa apenas para viver as aventuras e conflitos, mas para conhecer e poder interagir com os personagens que tanto admiram, podendo até mesmo, assumir a sua identidade a sua própria vida. Podemos ver isso nos registros de Taty ao mencionar: “*Eu queria ser a Lou. Me identifico com ela e com o modo como ela vive*” e Nil “*Acho que eu gostaria de ser um semideus*”. Vemos nesse momento que os leitores passam por um processo de interiorização do outro, de ser quem não são, de assumir uma nova identidade. Ocorre que:

O leitor, transformado em suporte, em uma tela na qual realiza uma experiência outra, vê mudar as marcas de sua identidade: “Ler”, observa B. Abrahan (1983), “é desterritorializar: deixar passar pelo corpo os fluxos, as tendências inconscientes, as palavras de ordem que caracterizam o livro como ordenação” (p.94). (JOUVE, 2002,p.109)

O leitor ao querer ser o outro na/da ficção, demonstra uma necessidade de viver aquela vida, de se projetar na narrativa, em busca de prazer, de satisfação, de viver uma experiência que em seu cotidiano não é possível, podemos dizer “o que quer que aconteça na realidade não consegue oferecer uma satisfação apropriada para necessidades inconscientes. O resultado é que a pessoa sempre sente a vida incompleta” (BETTELHEN, 2002, p.81). E nesse momento que o texto literário atua fazendo uso da imaginação como forma de oferecer a experiência de oferecer ao leitor uma forma de se completar através da ficção.

Encontramos também nos registros, o leitor que atua como novo personagem, um elemento extraordinário, que se insere na ficção. Vemos isso nos registros de Nil quando diz: “*Eu adoraria conhecer o Charlie, Sam e o Patrick, eles são incríveis. E seria interessante participar da peça baseada em The Rocky Horror Picture Show A personagem é tão interessante, adoraria ser amigo dela.*” Isso ocorre, porque a literatura é uma agente de

socialização, ela convida o leitor a participar da narrativa e atuar de forma imaginária, tornando essa experiência única e particular a cada leitor.

- *Leitor juiz: Avalia e julga*

“APESAR DE SER MEGA FÃ DE JOGOS VORAZES, EU NÃO GOSTARIA DE VIVER EM PANEM! Com toda sorte que possuo, seria escolhido como Tributo e morreria na arena com 4 segundos de Jogo! :s Por isso, morar em Panem não seria legal!”(Rafael)
Livro: Jogos Vorazes

“Achei interessante, por que nem todas as histórias que a gente ama, teríamos vontade de viver. **Pensar nas histórias de cada personagem e em cada desafio, cada parte ruim da história, será que eu iria querer isto para mim mesmo com as recompensas que viessem depois?** É uma Tag muito filosófica! Hahaha” (Ana)

Ooi, Ana! Apesar de ter gostado muito do livro, **não sei se eu gostaria de viver no mundo do livro A Hospedeira. Seria muito ruim ser aprisionada dentro da sua própria mente e se eu conseguisse ficar livre, imaginar as pessoas que eu gosto sendo aprisionadas também não é nada legal!** rsrs Viver como a Suzannah seria bem interessante! Principalmente se houvesse um Jesse! (Gaby)
Livro: A Hospedeira

Temos nesses registros a presença do leitor que gosta da história se imagina na situação dos personagens, mas não gostaria de viver suas aflições. Podemos perceber a partir dos registros: *EU NÃO GOSTARIA DE VIVER EM PANEM! morar em Panem não seria legal!*”(Rafael) ; *não sei se eu gostaria de viver no mundo do livro A Hospedeira. Seria muito ruim ser aprisionada dentro da sua própria mente e se eu conseguisse ficar livre, imaginar as pessoas que eu gosto sendo aprisionadas também não é nada legal!* (Gaby).

Esses relatos nos leva a refletir a respeito que o “ jogo dramático proporcionado pela literatura desencadeia um processo de suspensão temporária do real e trânsito para o ficcional semelhante ao da representação dramática” (AMARILHA, 2006, p.76). Isto é, temos um leitor que por pouco tempo representou um papel que não gostaria de viver e ainda aponta motivos para isso. O que nos leva a pensar na existência de leitor que é arbitrário, que nega querer viver o sofrimento, por mais que saiba que no final da história os principais personagens irão conseguir superar seus problemas. A promessa de uma final feliz que tanto garante aos leitores sua participação, no qual Bettelhen (2002, p.81) se refere ao falar que “o contos de fadas reassegura, dá esperança para o futuro, e oferece a promessa de um final

feliz.”Neste momento, não garantiu a adesão do leitor. Temos aí um leitor que foge dos padrões que encontramos até aqui, que desejam viver a vida dos personagens na ficção. Esses nem na ficção aceitam vivê-la e passam a assumir a postura de um leitor que está presente, mas que apenas observa, avaliando e julgando as ações e o desfecho das histórias.

(IN)CONCLUSÕES

Vimos a partir dos registros que a literatura por ser comunicativa e plurissignificativa proporciona ao leitor o exercício da imaginação e conseqüentemente a capacidade de fantasiar situações e sua própria atuação no mundo fictício. Essa atuação se demonstrou no que chamamos durante o trabalho como “a existência do leitor personagem”. Um leitor que não só apenas lê uma história, mas que participa, se implica, se imagina, sendo um dos personagens, observando-os e até mesmo interagindo, assumindo ações dentro da história já criada e que através da sua imaginação, fantasia uma nova vida que se dá na ficção capacitando-o para avaliar e julgar a própria trama.

Percebemos que o texto não é mais neutro intocável, ele ganha vida através da imaginação do leitor, pois o texto não diz apenas o que deseja, é o leitor que permite a partir de suas vivências em seu cotidiano e sua capacidade múltipla de construção de sentidos, que são construídos e vividos na ficção, criar novas articulações, interpretações e desfechos possíveis.

Podemos concluir e reafirmar a partir do registro dos leitores que a literatura por possuir um cenário fictício criado a partir da realidade do leitor, oferecer experiências de vida e até mesmo a experiência do real a partir do envolvimento afetivo entre leitor e texto, possibilita exercitar a atividade de abstração, que se repercute na capacidade de imaginar, antecipar, estimulando o pensamento criativo do leitor, pois quanto mais repertório de experiências vividas o leitor possuir, maior será a sua capacidade criativa.

Deste modo, a literatura se mostra como uma oportunidade do leitor ampliar as suas experiências de vida no momento que passam a preencher os vazios do texto, adicionando novas ações nas histórias, no qual pudemos ver através da presença do leitor/personagem que se mostrou ativo pronto para atuar, preenchendo os vazios do texto, completando cenários, dando vida a história ao criar mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: leitura crítica na sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução: Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo, SP: Moderna, 2000.

ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção.** trad.HildegardFeist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica.** 2. ed. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

JOUVE, Vincent. **A Leitura.** São Paulo: UNESP, 2002.

PETIT, Michele. **Os Jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo: Editora 34, 2008.

STIERLE, K. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: LIMA, L. C. (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.133-187.

VIGOTSKI, L.S., **Imaginação e criatividade na infância.** Tradução: João Pedro Fróis. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2014.